



Referência: ACOSTA, A.; BRAND, U. **Pós-extrativismo e decrescimento:** saídas do labirinto capitalista. São Paulo: Elefante, 224p., 2018.

O FIO DE ARIADNE: NOVOS CONCEITOS ECOPOLÍTICOS PARA FUGIR DO LABIRINTO CAPITALISTA

Leonardo Barros SOARES* 
Iara Terra Pereira da VEIGA** 

Passados mais alguns anos sombrios na história brasileira, uma luz parece ter chance de renascer das cinzas. O atual momento de reviravolta política e aparente retomada democrática, pelo menos no cenário brasileiro, nos abriu espaço a uma releitura do livro aqui resenhado. Dada a urgência da discussão tematizada, o livro *Pós-extrativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista* já rendeu três resenhas (COSTA, 2020; ALVES, 2021; COCATO, 2022), que foram capazes de abordar os pontos centrais da argumentação trazida pelos autores.

A imaginação política por alternativas econômicas compõe o trabalho dos pesquisadores Alberto Acosta e Ulrich Brand, trazendo importantes reflexões para os próximos passos da conjuntura mundial, latino-americana e, em particular, brasileira. Alberto Acosta nasceu em 1948 no Equador, é economista e político, pesquisador em ecologia, Sul global e alternativas ao desenvolvimento, além de ser autor de outros dois livros importantes à temática aqui abordada (ACOSTA, 2016; ACOSTA et.al., 2021). Ulrich Brand é cientista político, alemão, nascido em 1967, estudioso de temas como globalização, neoliberalismo, progressismo latino-americano, entre outros.

O livro é composto por seis partes, somadas ao prefácio da socióloga argentina Maristella Svampa, que produziu importantes contribuições às discussões latino-americanas sobre desenvolvimento, extrativismo, modelos agroexportadores, dependência, povos indígenas e movimentos sociais. Na presente resenha, nos dedicaremos a apresentar, de forma esquemática, a obra em tela, seguindo a estrutura dos capítulos.

O primeiro deles, intitulado *Um velho debate floresce*, traz uma contextualização geral sobre os dois conceitos que dão nome ao livro. Nascido em meio a discussões e lutas latino-americanas, o pós-extrativismo pode ser compreendido como a negação de um modo de vida que vem destruindo a biodiversidade, o solo e a vida tanto humana como não humana. Está pautado na busca por um crescimento

* Graduado em psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre e doutor em ciência política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Pará. E-mail: leonardo.b.soares@ufv.br

** Graduada em ciências sociais pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: iara.veiga@ufv.br

econômico que ultrapasse o modo de produção agroexportador ao qual parecem condenadas as ex-colônias. Aqui, imediatamente, o leitor/ a leitora não pode deixar se fazer algumas indagações: de que maneiras podemos produzir riquezas sem destruir o meio ambiente? Estarão as nações-metrópoles dispostas a transformar suas demandas e seu próprio modo de vida para colaborar com essa possibilidade?

O conceito de decrescimento, por sua vez, nasceu no cenário acadêmico europeu. Sua reflexão está voltada, portanto, para esses países que já alcançaram maiores níveis de crescimento econômico. Visa a necessidade de interromper esse desenvolvimento feito “a qualquer custo”, entendendo que seus impactos destrutivos são muito maiores do que as construções que proporciona, em especial nas periferias globais. Em vias que ultrapassem a competição, o livro argumenta pelo trabalho conjunto entre Norte e Sul global em busca do interesse que lhes é comum: o que caracterizaria uma vida digna para todos os seres? Quais as práticas para tornar isso possível? E por onde começar?

O segundo capítulo - *Contextos históricos comuns e divergentes* - é o mais extenso do livro. Nele, os autores se dedicam a remontar alguns processos vividos pela América Latina e pela Europa, que jogam luz à toda a argumentação proferida na sequência. É uma das partes mais importantes do trabalho, contendo elementos que se propõem a dialogar com leitores não familiarizados com o debate.

O capítulo é separado em duas partes, trazendo primeiro uma contextualização voltada para a América Latina e, em seguida, reflexões que enfocam mais o cenário europeu. No que diz respeito ao Sul global, a realidade a ser enfrentada é fruto de uma estrutura deixada pelo processo de colonização. Extrativismo, neoextrativismo e modelo agroexportador são alguns nomes para a relação mantida com a economia interna e externa dos países, em especial no que confere a natureza local. Desmatamento para a facilitação de atividades de mineração, extração petrolífera, criação de gado, monoculturas de soja e milho transgênicos, caracterizam as principais relações econômicas desses países “em desenvolvimento”.

Segundo os autores, mesmo em momentos de crise, o imaginário dos povos ex-colonizados não abandona a “fixação” com o modelo de produção agroexportador. O que os autores chamam de “bloqueio mental generalizado” diz respeito ao aprofundamento da dependência colonial na contemporaneidade, agravado também pelo ciclo de governos “progressistas” construídos sob discursos de soberania nacional. Outras perguntas emergem: o que nos deixaram esses governos? O que esperar da repetição desse discurso de soberania hoje, no contexto brasileiro? E além disso, quais seriam outras maneiras de lidar com contextos de crise?

Se, por um lado, os países “periféricos” são estruturalmente agroexportadores, por outro, há muitos séculos que os países “centrais” cumprem o papel de importadores de natureza. Adentramos, então, a segunda parte do capítulo. Como é que o Norte se comporta em meio a tal crise generalizada? A resposta é: ocupando a posição dominante, esses países vivem uma espécie de colapso na gestão da crise. O capital e suas dinâmicas não são tidas como a centralidade do problema, mas sim como motores à mudança. Assim, parecem não compreender que o crescimento é o próprio impasse, e não sua solução.

Na sequência, o terceiro capítulo - *Elementos centrais do decrescimento* - aprofunda alguns aspectos da proposta de pós-desenvolvimento aos países europeus. Quais são as perspectivas políticas e sociais do decrescimento? Quais são as propostas de mudanças a nível institucional e quais seriam transformações mais localizadas? Este é um ponto delicado e crucial da reflexão. A mudança deve ocorrer, argumentam os autores, também dentro das pessoas, no nível das aspirações e desejos individuais, para que um novo curso seja iniciado. Evidentemente, não é um processo simples, pois tal proposta parece ser mais adequada de uma perspectiva de transição gradual, do que de um rompimento abrupto e revolucionário.

O livro compila algumas ações possíveis à nível macro de transformação. Estão entre elas: reforma ecotributária; incentivos à produção local e autônoma; diminuição nos graus de especialização; redução e redistribuição de jornadas de trabalho. Além disso, destacam o desânimo geral das populações, em especial da juventude, como sintomas da crise generalizada que vivemos e enquanto entraves à tomada de iniciativas para a mudança. Nesse sentido, comentam também outros tipos de ação governamental, tais como: incentivos à educação e às artes; ao ramo alimentício - pequenos produtores e produção; a profissionais que possuem sabedoria de cogitar outros mundos, estimulando a criatividade e o reencantamento das pessoas.

O próximo capítulo - *Pós-extratativismo como condição para o Bem Viver* – apresenta um terceiro conceito que ganha centralidade na reflexão. Originária de populações indígenas andinas, a ideia de Bem Viver foi mais formalmente trabalhada dentro do ambiente acadêmico, anunciando um modo de vida baseado no respeito a todas as formas de existência. O debate em torno dessa concepção tomou maiores proporções após ter sido incorporado às Cartas Magnas do Equador (2008) e da Bolívia (2009), que institucionalizaram noções como plurinacionalidade, autonomia dos povos, direitos coletivos e Direitos da Natureza.

Acosta e Brand argumentam que seria um equívoco definir de forma restrita o que significa Bem Viver. Sua estrutura está fundamentada justamente no respeito às diferenças e à pluralidade das formas de vida. Como negociar, então, com as diferentes necessidades e maneiras de satisfazê-las? De que jeito pessoas e grupos com visões de mundo diversas serão tratadas nesse “novo mundo”? Como fazer para que os princípios e as práticas do decrescimento e das novas formas de bem-estar não se tornem um paradigma repressivo?

Sem grande presunção de oferecer respostas definitivas, os dois últimos capítulos - *Pós-extratativismo e decrescimento: caminhos para uma aproximação* e *Como sair do labirinto? Perspectivas e perguntas abertas* - tentam apontar um caminho para pensar as tantas perguntas formuladas. É cara, para os autores, a perspectiva de que não existem respostas prontas, receitas infalíveis ou caminhos pré-determinados para essa construção do porvir. A criação de alternativas deve ser constante e dependente de cada contexto concreto em que se insere. O horizonte institucional também traz consigo muitas contradições perigosas, frutos de sua própria estrutura. Sendo assim, afirmam Acosta e Brand, não devemos confiar tais transformações ao Estado ou a acordos internacionais. Urge, portanto, se engajar ética e politicamente na construção de respostas à pergunta crucial: como recuperar a política enquanto espaço vivo da sociedade?

Para todos aqueles ativistas da sociedade civil, acadêmicos, políticos e tomadores de decisão que estão às voltas sobre como sair da encruzilhada em que estamos enquanto sociedade planetária, *Pós-extrativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista* é uma excelente introdução aos amplos termos do debate. Por outro lado, se os conceitos apresentados servem aos leitores como uma espécie de “fio de Ariadne” que nos leva até o Minotauro e nos ajuda a sair do labirinto, eles não se materializarão magicamente em estratégias autoevidentes disponíveis àqueles que deles querem fazer uso. Será necessária ação política concreta de uma miríade de atores políticos locais, nacionais e internacionais para evitar a catástrofe que se anuncia.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ACOSTA, Alberto; KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico. (Org). **Pluriverso**: um dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante Editora, 2021.

ALVES, Paulo Roberto. **Decrescimento e pós-extrativismo como alternativas**: um olhar a partir do debate socioambiental da América Latina. *Revista Pós Ciências Sociais*, 18(1), 227–232, 2021.

COCATO, Guilherme Pereira. **Pós-extrativismo e decrescimento**: formas de pensar a superação do capitalismo. *Geografia Em Atos (Online)*, 6, 1–8, 2022.

COSTA, Victor. **Resenha**: livro “Pós-extrativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista”. *Conjuntura Internacional*, 17(3), 85-87, 2021.